

# Leituras Crí ti cas

FRANCO, J. E.; PINTO, P. (DIR.) (2026). *DICIONÁRIO GLOBAL DAS HERESIAS. TEOLOGIA, CULTURA E LITERATURA*. EDIÇÕES AFRONTAMENTO. PORTO. 670 PP.

**ALEXANDRA ESTEVES**

OLIVEIRA, L. E. (ORG.). (2026). *PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES SOBRE O ILUMINISMO E SEUS PARADOXOS*. EDITORA CRIAÇÃO. ARACAJU, 424 PP.

**JÚLIA DUARTE**

PINTO, J. N. (2021). *HEGEMONIA: 7 DUELOS PELO PODER GLOBAL*. CRÍTICA. LISBOA. 464 PP.

**BRUNO MACHADO**

WOOTTON, D. (2015). *THE INVENTION OF SCIENCE: A NEW HISTORY OF THE SCIENTIFIC REVOLUTION*. HARPER. NEW YORK. 784 PP.

**NUNO ROSA**

Franco, J. E.; Pinto, P. (Dir.) (2026). *Dicionário Global das Heresias. Teologia, Cultura e Literatura*. Edições Afrontamento. Porto. 670 pp.

ALEXANDRA ESTEVES<sup>1</sup>



O *Dicionário Global das Heresias. Teologia, Cultura e Literatura*, coordenado por José Carlos Lopes de Miranda, Maria Filomena Andrade, David Sampaio Barbosa, José Paulo Leite Abreu e Luís Machado de Abreu, e dirigido por José Eduardo Franco e Porfírio Pinto, que contou com a contribuição de 55 autores, o que não é coisa pouca, é uma obra que preenche uma lacuna e que é projetada para o futuro.

Justificarei esta dupla asserção com base no meu olhar, que é um olhar condicionado pela minha condição de historiadora, que, desde logo, tenho de assumir, para precaver o risco de não fazer jus a uma leitura holística da obra, até porque, também devo confessar, os

==

<sup>1</sup> Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT), Instituto e Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0660-9485>.

meus conhecimentos nos domínios da teologia ou da literatura são muito rudimentares e não vão muito além do que o olhar curioso consegue alcançar e do adquirido através do cruzamento com outras áreas do saber que o ofício de historiadora requer, pois que não é possível reconstruir o passado, ou melhor dizendo, os passados, sem se atender a todas as dimensões do ser humano.

Feita a minha declaração de interesses, peço a vossa compreensão por centrar a minha intervenção no que esta obra representa e no contributo que traz para a História. Escrita a várias mãos, propõe uma análise diacrónica de um conceito central na história do cristianismo: a heresia. Mais do que um desvio doutrinal, a heresia constitui um instrumento de definição identitária, de delimitação de ortodoxias e de exercício de poder religioso e político.

Da autoria de especialistas, esta obra mostra que o que é considerado herético varia no espaço e no tempo. Através de mais de 200 entradas, apresenta a heresia não como uma realidade fixa, mas antes como um conceito mutável, cuja evolução acompanha as transformações das sociedades cristãs ao longo do tempo. Ao considerar esta evolução, contribui para uma compreensão mais crítica das dinâmicas de exclusão, autoridade e diversidade no cristianismo.

Mais do que uma história das ideias, estamos perante uma reflexão sobre os mecanismos de

controlo e resistência que moldaram, e continuam a moldar, as sociedades. Trata-se de uma produção em que os vários autores mostram como diferentes movimentos geraram diferentes comportamentos e novos valores e provocaram até mudanças na sociedade e nas suas estruturas materiais.

Esta é, de facto, uma obra necessária. Há poucas semanas, num outro contexto, de elogio à História Contemporânea, citei Paul Valéry para procurar demonstrar o quão importante a História é no tempo presente. Por conseguinte, face ao contexto atual, justifica-se retornar a este autor para justificar a pertinência deste dicionário.

*O passado, mais ou menos fantástico, ou mais ou menos organizado posteriormente, age sobre o futuro com um poder comparável ao do próprio presente.*

Ora, este dicionário tem precisamente a particularidade de nos trazer todo um passado para o presente, dado que sobre o tema «heresias» há um passado que, em diversos quadrantes e dimensões, é trazido até nós. Daí a sua relevância para o futuro.

O passado comporta, de forma implícita e explícita, um tempo e um espaço, na medida em que não é possível compreender fenómenos, movimentos, revoluções e conceitos sem esse tempo e sem esse espaço. Aqui reside, precisamente, um dos benefícios deste dicionário. Organizado segundo uma linha cronológica, de-

terminada por essa construção que é o tempo, convoca-nos para uma viagem que começa na Antiguidade, no século I, faz-nos mergulhar nos idos tempos medievos, leva-nos à época moderna e termina na contemporaneidade.

Cada tempo tem as suas heresias, embora algumas se tornem atemporais, mas emergem num tempo e num espaço em que os protagonistas não se consideravam forçosamente diferentes. Daí a necessidade de se evitar leituras anacrónicas. O aparecimento, a propagação ou a condenação destes movimentos refletem tempos históricos com circunstâncias bem objetivadas.

Percorrendo estas páginas, e tendo obviamente a noção das variantes existentes, fica claro que as heresias são, afinal, um exercício de liberdade, de pensar diferente, de fuga ao instituído e ao estruturado, sendo algumas delas precursoras de movimentos que se vão desenvolver posteriormente e que, apesar de estarem associadas ao religioso, não se circunscrevem a este domínio. Até porque, como refere Graham Greene, «Heresia é apenas um outro nome para liberdade de pensamento».

O herege pretende manter a fé cristã, mas prejudica a consciência do «acontecimento cristão» e a salvação possibilitada pela relação nascida dessa consciência. O herege pode ser alguém dotado de sinceridade e que, discordando de aspetos parciais da fé objetiva, não

pretende, necessariamente, afastar-se do seu conjunto, menos ainda da substância da fé.

Apesar de, neste dicionário, existir uma definição de heresia respeitante aos movimentos/correntes doutrinárias que contestavam ou colocavam em causa a ortodoxia, o conceito seguirá o seu próprio caminho e será utilizado noutros contextos.

Por outro lado, importa perceber como e em que medida a heresia contribui para a própria consolidação da Igreja Católica. Para cumprir esse objetivo, tinha que definir claramente o seu *corpus* doutrinário, separando-se de movimentos tidos como erróneos - as heresias. Para alcançar a convergência havia que silenciar desvios e antagonismos. Deste modo, a heresia surge não como ponto de partida, mas como resultado de um processo de delimitação: aquilo que é excluído para afirmar uma norma.

O combate alarga-se com os desenvolvimentos da própria Igreja, a vários níveis, e com a necessidade de defesa face às idiossincrasias dos diferentes tempos históricos, nomeadamente pela ação do poder temporal. É de notar, aliás, que alguns destes movimentos classificados como heréticos têm esta dimensão, como bem demonstram os autores destes textos nas suas diferentes entradas.

Não raras vezes, o «perigo» do movimento não estava nos seus ideólogos, mas nos seus propagadores, agentes políticos com as suas

próprias dimensões e que ampliaram o efeito herético destes movimentos. Atente-se, a título de exemplo, no caso dos cátaros, que, devo reconhecer, me tem intrigado desde os idos tempos de licenciatura. Mas, enfim, poderíamos considerar muitos outros elementos...

Daqui decorre mais uma vantagem desta obra: permite-nos aceder a todo um quadro político, social, mental, económico e cultural das diferentes épocas históricas aqui retratadas, a partir de um fenómeno específico. Aliás, não é possível fazer essa história sem o cristianismo.

Se há uma dimensão política, também há heresias que são ditadas pelos próprios contextos. Veja-se o caso dos flagelantes do século XIV, aquando da epidemia de peste negra. Daí que o herege também tenha sido perspectivado de diferentes formas e recebido designações diversas: ímpio, blasfemo, marginal, impuro, dissidente. Por vezes, foi até visto como alienado... Na perspectiva da História Social, não é fácil estudar aqueles que se situam nas margens, pelo silêncio em que muitas vezes foram mergulhados.

No caso dos hereges ou das heresias, o silenciamento é quebrado pela existência de fontes que nos permitem reconstruir a vida de homens, mas também de mulheres que integraram e encabeçaram movimentos desta natureza. Aliás, relativamente às mulheres, como bem demonstram os autores de diferentes entradas, não estiveram arredadas dos movimentos heréticos,

mas, pelo contrário, nalguns casos até os lideraram. Todavia, por vezes, mulheres diferentes ou que arriscavam ser diferentes também foram classificadas como hereges.

Mas se, numa primeira fase, a heresia traduz uma necessidade de convergência interna, numa fase posterior, já no período medieval, ela afirma-se num tempo de desconfiança relativamente ao Outro, o outro que é o diferente, o estrangeiro, mas também de desejo de um Cristianismo primitivo.

Durante a Idade Média, a heresia assume uma dimensão social e política mais ampla, com movimentos que não apenas questionavam doutrinas, mas também estruturas eclesásticas e práticas económicas. É neste contexto que se desenvolvem mecanismos institucionais de repressão, que transformam a heresia num crime perseguido sistematicamente

A partir da Idade Moderna, o conceito adquire uma outra força, quase bélica, diríamos, ditada pela existência de cisões, que levarão ao surgimento de outras igrejas, embora no final desta época também ganhe relevo a ideia de tolerância.

Com a Reforma Protestante, a própria noção de heresia sofre uma reconfiguração profunda. A fragmentação da cristandade ocidental leva à coexistência de múltiplas ortodoxias concorrentes. A heresia deixa de ser definida exclusivamente por uma autoridade central e passa a ser relativa a diferentes confissões.

A contemporaneidade trará novos desafios ditados pela revolução francesa, pelo liberalismo e pelas revoluções liberais; pela revolução industrial e pela emergência da questão operária; e pelo surgimento de novas heresias que traduzem a tendência de laicização e de secularização, como o comunismo, o socialismo ou o modernismo, que a Igreja Católica procura combater.

Neste tempo histórico, o termo «heresia» exige alguma precisão, pois, ao contrário do que sucedia na Idade Média ou na época moderna, a Igreja Católica já não produz listas sistemáticas de heresias, enquanto fenómenos coletivos a reprimir institucionalmente. No entanto, continua a definir doutrinalmente posições consideradas heréticas. Assim, no período contemporâneo, o fenómeno desloca-se de movimentos sociais para proposições doutrinárias, correntes teológicas e posições ideológicas.

O aspeto mais relevante deixa de ser a lista de heresias e a transformação do modo de atuação da Igreja: fim da repressão institucional; ênfase na clarificação doutrinal e no diálogo com a modernidade, sobretudo após o Concílio Vaticano II. A heresia deixa de ser predominantemente um fenómeno social a combater e passa a ser um problema teológico a esclarecer.

Nos séculos mais recentes, o conceito de heresia perde progressivamente a sua centralidade jurídica, mas mantém relevância sim-

bólica e cultural. No mundo contemporâneo, a noção é frequentemente reconfigurada em termos ideológicos ou discursivos, sendo utilizada para marcar desvios a padrões estabelecidos, designadamente, no plano religioso, ideológico, político ou científico.

Atualmente, falar de heresias já não tem o mesmo peso institucional que teve em períodos passados, quando a divergência doutrinal podia ser formalmente julgada por autoridades religiosas. Ainda assim, o conceito não desapareceu, mas transformou-se. Hoje, a heresia é frequentemente entendida de forma mais ampla, como qualquer posição que desafia crenças estabelecidas.

Num contexto contemporâneo marcado pelo pluralismo e pela liberdade de expressão, as heresias manifestam-se sobretudo como interpretações alternativas, revisões de dogmas tradicionais ou tentativas de conciliar a fé com valores modernos, como os direitos humanos, a igualdade de género ou o progresso científico. Em muitas tradições religiosas, estas posições geram debate interno: para alguns, representam uma evolução necessária; para outros, um afastamento da ortodoxia.

Além disso, a globalização e a internet contribuíram para a rápida disseminação de ideias que, noutros tempos, ficavam confinadas a pequenos grupos. Hoje, qualquer interpretação pode facilmente ganhar visibilidade e juntar seguidores, criando novas correntes de pen-

samento religioso ou espiritual, muitas vezes fora das estruturas institucionais.

Assim, as heresias contemporâneas refletem, em grande medida, as tensões entre tradição e mudança, autoridade e interpretação individual, mostrando que a religião continua a ser um campo dinâmico, onde as ideias estão em constante negociação.

Contudo, como também mostra a composição deste livro, o período mais ativo, como se compreenderá, decorreu entre os séculos I e VIII. De um ponto de vista quantitativo, a catalogação de heresias parece atingir o auge durante a Antiguidade Tardia, com a obra intitulada *Panarion (Remédios)*, de Epifânio de Salamina (séc. IV-V), que repertoria oitenta heresias de antes e depois de Cristo.

O período medieval apresenta menos movimentos heréticos, mas alguns tiveram particular relevo, nomeadamente o das beguinas, dos cátaros ou albigenses, dos valdenses, dos orbibarianos, entre outros. Já de forma mais expressiva, a época moderna regista, como referimos, um maior número de heresias, algumas das quais com implantação no novo Mundo, mas aqui temos, de facto, a emergência de movimentos importantes, como o anglicanismo, o luteranismo, o calvinismo, associados à formação de novas igrejas; a maçonaria, o janse-nismo, o puritanismo ou os amish e os quaker.

De facto, as várias entradas deste livro permitem-nos refletir sobre várias questões, sob o ponto de vista da história. Há certamente outras, mas que escapam à minha área de conhecimento, como é o caso, por exemplo, das seguintes:

Quem define a heresia?

Em que medida a heresia é um instrumento de poder?

Qual a relação entre dissidência religiosa e transformação social?

Pode a heresia ser entendida como motor de mudança histórica?

Importa, ainda, realçar a importância deste dicionário nos dias de hoje. Num tempo de saberes fáceis, mas nem sempre consistentes, de verdades digitais, nem sempre honestas, e de um conhecimento construído no vão de escada, urge recuperar e valorizar esta modalidade de publicação. De facto, o conhecimento pesa, no sentido literal do termo, dá trabalho, pode até ser doloroso sob o ponto de vista intelectual, mas é imenso nas oportunidades que nos oferece, nos mundos que nos abre e na liberdade que nos proporciona.

A concluir, gostaria de deixar o convite à leitura e à consulta desta obra, de inegável interesse e utilidade.